



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Porventura', de Antonio Cicero]

António Carlos Cortez

Para citar este documento / To cite this document:

António Carlos Cortez, "[Recensão crítica a 'Porventura', de Antonio Cicero]", *Colóquio/Letras*, n.º 189, Maio 2015, p. 273-275.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

LITERATURA BRASILEIRA

POESIA

Antonio Cicero
PORVENTURA

Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record / 2012

Porventura é o título do mais recente livro de poesia de Antonio Cicero, um dos mais acutilantes leitores do fenómeno poético e da história das ideias da atualidade, não só no Brasil. Essa acutilância deriva, na verdade, das constantes interseções que, no plano filosófico, Cicero estabelece entre áreas do saber muito diversas — da estética à música, da epistemologia à teoria literária, da mitologia à linguística. Estamos, portanto, perante um poeta culto que não hesita, na própria linguagem dos seus textos, em convocar esses saberes, num exercício permanente de alusão e de citação, ainda que fazendo humor ou parodiando aspetos de uma cultura, a ocidental, que desce dos salões ou da academia à praça pública. Dado que o olhar do sujeito, imerso na experiência urbana, propositadamente retira o véu aos conteúdos, aos assuntos de natureza mais elevada, poderíamos pensar que essas referências culturais são sinal de mero culturalismo. Mas não é assim. Cicero, que tem vindo a produzir uma obra caracterizada por um singular classicismo, reatualizando os mitos fundadores da Grécia Antiga, não enjeita misturar coloquialismo com aquilo que se torna difícil, e por isso desafiante, nos seus textos, a saber: a presença da «alta cultura» em momentos textuais que, à partida, não estariam de acordo com essas referências cultas.

O próprio título deste livro revela a consciência de Cicero quanto à dimensão polissémica da linguagem poética. Lido na sua literalidade, um título assim pode

convocar um outro advérbio de sentido similar: «talvez». Mas sucede que o advérbio «porventura» é, normalmente, reservado a questões delicadas, isto é, a momentos em que a elocução de um sujeito, dirigindo-se a outro, é determinada por um sentido da *gravitas* e exige, como resposta, um enunciado complexo. Antonio Carlos Secchin, que assina o texto crítico constante nas badanas deste volume, não esclarece apenas o sentido do advérbio que dá título ao livro. Esclarece-nos quanto à possível releitura dos poemas tendo em conta a desmontagem do advérbio «porventura». Tratar-se-ia de ver, assim exposto, um título duplo: a hipótese de estes poemas nos colocarem perguntas delicadas, ao mesmo tempo que há neles uma «ventura», uma felicidade e um «risco», os «dois combustíveis perpétuos do poema».

Para além do sentido ambíguo do título, agora revelado, devemos prestar atenção a determinadas «zonas de constraste na elocução de Antonio Cicero, a quem decerto constrange a ideia de que alguma forma discursiva seja em si própria mais capacitada do que outras para veicular a potência da poesia», como pede o autor da nota crítica. Se podemos aceder a um mundo onde as figuras da cultura e do universo se tornam, primacialmente, figuras da linguagem, verdade se diga que, na própria linguagem de Cicero, na sua sintaxe «distensa» (o termo é de Secchin), há sempre lugar para a «dicação lapidar», pese embora o fundo irónico patente em inúmeros momentos deste livro. Exemplar é o poema «Blackout», que, desmentindo o que seria expectável (um poema em estado de emudecimento), interroga os momentos da escrita, colocando em cena alguém que «daqule prédio às escuras» poderia, como um *voyeur*, ver o poeta tecendo o seu texto. O poema é longo, não está em *blackout*,

e desvia o nosso olhar para o olhar desse alguém que espia quem escreve. Todo o texto passa a ser uma «arte poética» por meio da qual — em versos de redondilha e com subtis aliterações e assonâncias, paronomásias e rimas ricas — o poeta, escrevendo, pensa sobre o que leria esse suposto leitor. Arte poética que reincide na lição de Pessoa e seu «Autopsicografia». O leitor, incapaz de entender os motivos, os segredos da poesia, pode vingar-se: «E se ele [o leitor *voyeur*] a tudo atentar / e por inveja e recalque / me der um tiro de lá? / Melhor fechar o *blackout*» (48), e é esse gesto da vingança (matar o poeta que faz uma linguagem que ninguém entende) que torna útil o próprio ato de silenciar o poema.

Abre este volume uma epígrafe de Jean Cocteau: «La poésie est indispensable, bien que je ne sache pas à quoi.» Deste paradoxo que (in)define a linguagem da poesia vive a própria discursividade do texto e o seu labor. Em resultado de se proceder ao balanço existencial (é esse o título do primeiro texto), o sujeito poético começa a peregrinação pelo (seu) mundo da linguagem interpretando as idades do mundo. A infância «demorou vários séculos»; a adolescência foi melhor «pela delícia / do pressentimento da felicidade / na malícia, na poesia, / no orgasmo» (9). A este complexo de experiências vividas na adolescência — a malícia da sedução, a aventura erótica e a poesia — acresce a consciência da finitude que nasce com o desenvolvimento do corpo e o aprofundamento das vivências sociais, amorosas e intelectuais. O poeta, quando se apaixonou, encarou a sua morte, havendo um certo lamento por a morte ser, sobretudo, a morte dos outros «que [o] abate», facto que se inscreve na sensação de uma juventude que se eterniza. O eu suspeita que «jamais [será] plenamente adulto» e que, «an-

tes de sê-lo, serei velho» (9). O tempo — que pode assumir aqui a dimensão de *topoi*, o do *tempus fugit* — é um dos grandes temas deste livro, justificando, desse modo, não só o conteúdo (poemas sobre o amor, a morte, o tempo, a poesia, o destino, o corpo), mas também a escolha das formas: tendencialmente o decassílabo e o heptassílabo, metros consagrados pela tradição grandiloquente e também elegíaca. Agarrar o tempo, fixá-lo em formas poéticas perduráveis, seguindo a lição de Horácio, erguendo um monumento perene, pode entrar em contradição com um título que insinua a precariedade do discurso. «Porventura» arrasta consigo uma semântica que nada parece ter a ver com aquela lapidaridade que lemos em alguns destes poemas («Fedra», «Poema», «Muro» ou «O Fim da Vida», por exemplo), mas é essa injunção contraditória que melhor esclarece um livro que parece viver daquilo mesmo que o nega: a poesia, a linguagem como morte, convocação dos mortos (sejam esses mortos os mitos, ou lugares, tempos ou pessoas) e que, por os convocar, revive nas palavras gravadas sobre a página, alegoria da lápide. Há, por isso, e a reboque de um coloquialismo sempre temperado de expressões ou alusões clássicas, um fundo sentencioso que lembra Yeats (evocado num poema, diga-se) ou, posto que obliquamente, certa tonalidade camonianiana, redita por Gastão Cruz: «Conhece da humana lida / a sorte: / o único fim da vida / é a morte / e não há, depois da morte, / mais nada. / Eis o que torna esta vida / sagrada: / ela é tudo e o resto, nada» (53).

Alberto Pucheu, autor do livro de introdução à obra poética de Antonio Cicerro, editada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, observa, e bem, que essa obra se situa numa «agoridade», é fruto do «nosso tempo», dispondo-se a

fazer do próprio ato da escrita o gesto de instabilização que é, além do mais, uma marca desse hipermodernismo que em *Finalidades sem Fim*, livro de filosofia, foi tema para escarpelizar a nossa época. Dentro da reflexão que tem vindo a fazer sobre o moderno, como não ver em *Porventura* mais um modo — moderno — de dizer o indefinido, e mesmo de dizer e pensar sobre a antiarte de que se faz a arte moderna¹? Assim, é em termos de aprendizagem que Cicero empreende o labor da poesia como facto que decorre de uma tautologia inescapável.

Se é verdade que podemos aprender toda e qualquer forma poética, não menos certo é que, como lemos neste livro — mas semelhante ideia estava já disposta à leitura em *Guardar* (1996) —, a poesia se abre sempre a um conjunto de possibilidades virtualmente infinitas, atualizando a força de potência que a sua linguagem pode operar. Não interessa, assim, na figuração do poeta, se quem faz o texto é cego, marginal ou lírico (três categorias ou imagens do poeta). A poesia, para o poeta cego, seja ele Homero ou Castilho, é um fazer de versos que não pede a visão dos olhos corporais, pois é energia que se basta a si mesma: «Em seus versos talvez se veja / Diverso de tudo o que seja / Tudo que almeja ser» (13). Para o poeta marginal o poema nasce «em meio às ondas da hora / e às tempestades urbanas», como se lê no texto de título homónimo, «O Poeta Marginal» (15). A poesia, distante de qualquer *daimon*, emerge como mercancia, negócio, traficância: o poeta marginal pode «cochilar com Homero», fazer «negócios da China», explorar «tudo na rede / sem ganhar nem um vintém» e, no sentido em que a arte é uma arte sem préstimo, o poeta marginal, longe do sistema de trocas dos objetos culturais, «é uma África», isto é, um continente condena-

do a uma arte pobre. Já o poeta lírico — e Cicero equaciona aqui, em tom irónico, o estatuto do poético dentro da poesia —, porque não sabe contar histórias, apesar de o tom ser narrativo (num poema que apresenta o poeta lírico!), é alguém condenado «ao óbvio malogro».

Porventura, na escolha heteróclita das formas (sonetos em aliança com sextilhas e oitavas, poemas em quadra e poemas onde há um tratamento visual, como é o caso de «Fedra», com palavras em caixa alta), questiona a fronteira do poema, da poesia, moderna (pós-moderna). Um livro dentro do livro expande a significação complexa do volume: «Livro de Sombras de Luciano Figueiredo» pode ser ou não o ensaio de textos escritos por uma outra voz, fictícia ou pedida de empréstimo. O que acaba por confrontar o leitor com a originalidade de um mundo repleto de ressonâncias clássicas, modernas e pós-modernas é justamente essa ideia de um livro a fazer-se no meio de um livro que, porventura, extravasa a mera clave lírica. Os fragmentos, ou epigramas desse «livro de sombras» (conjunto de cinco textos), atribuídos àquela personagem, Luciano, dão-nos uma chave final de leitura que vale a pena rodar para entrarmos no mundo de Cicero. No primeiro texto a pergunta elevada dirige-se-nos: «Para onde vou, de onde vim? / Não sei se me acho ou se me extravio. / Ariadne não fia o seu fio / à frente, mas atrás de mim. / Não será a saída um desvio / e o caminho o único fim?» (43) e é essa pergunta quanto ao caminho do ser que, no fundo, anima a linguagem poética do autor de *Porventura*.

António Carlos Cortez

NOTA

¹ Alberto Pucheu, *Antonio Cicero por Alberto Pucheu*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010, p. 25-26.